

BIBLIOGRAFIA

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*.(1976). Tradução, Introdução e Notas de Cristiano Martins. São Paulo: EDUSP/Itatiaia.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*.(1993) 2ª. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/ Ednub.

FLACCO, Quinto Orazio. (1983) *Le lettere*. Introduzione, traduzione e note di Enzo Mandruzzato. Testo latino a fronte. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli.

MARO, P. Vergilius. *Opera*. (1903). 15ª ed., Paris: Hachette.

A interdição do olhar: o mito de Orfeu na visão de Junito Brandão

Profa.Dra. Mary Kimiko G. Murashima

(UERJ – FEFJPII – FGV)

Resumo:

Uma leitura do mito de Orfeu e da interdição do olhar para trás, à luz do orfismo, retomado no quadro das religiões da Grécia antiga – religião de mistérios em meio às influências apolíneas e dionisíacas – e das obras do prof. Junito de Souza Brandão que revisitam o mito na modernidade.

Palavras-chave: **1. Orfeu; 2. orfismo. 3. mito**

Para Junito,

arqueólogo de múltiplos saberes que,
qual Orfeu, ultrapassando os limites do tempo
e vencendo o interdito das direções,
ensinou a nunca ter medo de olhar para trás.

Hic, ne deficeret metuens, avidusque videndi,
Flexit amans óculos, et protinus illa relapsa est;
Bracchiaque intendens, prendique et prendere certans,
*Nil nisi cedentes infelix arripit auras.*¹

(OVIDIVS, Metamorphoseon, Líber X, v. LVI-LIX)

¹ “Temendo aqui o amante perder-se a amada, cobiçoso de a ver, volve-lhe os olhos, e, de repente, lha roubam. Corre, estende as mãos, quer abraçar, ser abraçado, e o mísero somente o vento abraça..”

Falar sobre o mito de Orfeu não é nada fácil, principalmente quando se trata de seguir em duas diferentes direções, vale dizer, relacionando o mito de Orfeu ao orfismo, religião de mistérios na Grécia antiga e relembrando-o à luz das inúmeras retomadas que dele foram feitas, ao longo dos séculos até a contemporaneidade, onde se incluem as leituras de Junito Brandão.

E a grande dificuldade reside, em primeiro lugar, no fato de que, quando falamos em um mito grego, começamos uma história que necessariamente enreda em outra história, e assim por diante, num labirinto sem fim. Em segundo lugar, o problema encontra-se nas muitas versões, nas variantes, que giram em torno de um mesmo mito.

O mito de Orfeu

Por etimologia popular, segundo o professor Junito Brandão, o nome Orfeu, costuma ser relacionado a *orphnós*, que significa “obscuro”, ou ainda a *órphne*, “obscuridade”. Na vertente mais conhecida do mito, Orfeu era oriundo da Trácia, região, ao norte da Grécia; filho de Calíope, a mais importante das nove Musas, e do rio ou do rei Eagro. Por motivos político-religiosos – que serão, em breve, facilmente compreendidos –, costuma-se também apontar Orfeu como filho do deus Apolo.

Conta o mito que Orfeu era um poeta e um cantor que, com o poder mágico de sua lira, abrandava o coração dos homens, das feras e até dos deuses. A suavidade de seu canto era tal que, à sua voz, as copas das árvores se abaixavam para ouvi-lo, as pedras e montanhas se moviam e as águas dos rios silenciavam.

Didaticamente, para efeito de análise, costuma-se dividir o mito de Orfeu em três vertentes temáticas: Orfeu e os argonautas, Orfeu e Eurídice, e a descida de Orfeu aos infernos.

Na primeira vertente, narra-se a aventura do herói na viagem dos argonautas, isto é, os marinheiros da nau Argos, que pretendiam, sob a chefia de Jasão, conquistar o velo de ouro de um carneiro, guardado por um dragão na região da Cólquida.

Cada argonauta trazia na viagem uma virtude que lhe era específica. Orfeu participa da viagem não só pelo poder mágico de seu canto, capaz de dominar as discórdias dos homens e da natureza, mas, sobretudo, como sacerdote e diretor espiritual, já que sua música revelava aos homens os mistérios de uma nova religião, o orfismo, que foi uma das mais importantes religiões da Antigüidade clássica, porque completa e organizada, com uma dogmática, uma moral, uma ascese, uma mística e uma liturgia. Eis porque, na tradição latina, posterior, Orfeu é considerado não apenas um poeta, um músico e um cantor, mas também um teólogo e um herói civilizador.

A segunda vertente narra que Orfeu desposou a ninfa Eurídice, que, um dia – segundo uma das variantes da história – tentando fugir do apicultor Aristeu que desejava violá-la, pisou numa serpente e morreu.

Na terceira vertente do mito, inconformado, Orfeu, então, resolveu descer às trevas do Hades – o mundo dos mortos – para resgatar sua esposa. Com sua música, diz-se que os suplícios dos condenados pararam, as divindades ctônias – infernais – acalmaram-se e até os senhores do Hades – Plutão e Perséfone – comoveram-se, concordando em devolver-lhe a esposa.

Impuseram, todavia ao herói, uma única condição: Orfeu seguiria à frente e Eurídice lhe acompanharia os passos, mas, enquanto caminhassem pelo mundo dos mortos, ouvisse o que ouvisse, pensasse o que pensasse, Orfeu não poderia olhar para trás, enquanto o casal não ultrapassasse os limites do Hades.

Infelizmente, Orfeu não conseguiu resistir à tentação, voltou-se para trás à procura do rosto da esposa e, nesse exato momento, a sombra de Eurídice se desvaneceu para sempre na escuridão.

A partir daí, as variantes do mito são muitas. Numa delas, de nada adiantaram os novos lamentos do poeta. Inconsolável e sem poder esquecer a esposa, Orfeu teria passado a repelir todas as mulheres da Trácia. As ménades ou bacantes – seguidoras de Dioniso ou Baco –, ultrajadas com a postura do herói, teriam então despedaçado Orfeu. Numa outra variante do mito, Orfeu, ao voltar do Hades, teria instituído mistérios inteiramente vedados às mulheres. Uma noite, enfurecidas, elas teriam, por isso, matado Orfeu e seus seguidores, lançando sua cabeça ao rio Hebro.

Punindo o crime das mulheres trácias, os deuses teriam desvatado o país com uma grande peste. Consultado o oráculo sobre como acalmar a ira divina, teria sido dito aos habitantes da Trácia que o flagelo só se extinguiria se a cabeça de Orfeu fosse encontrada e lhe fossem prestadas as devidas honras fúnebres. Após longas buscas, ela teria sido encontrada na embocadura do rio Meles, na Jônia, em perfeito estado de conservação, e ali mesmo ter-se-ia erguido um templo em honra de Orfeu, cuja entrada era proibida às mulheres.

A interdição do olhar

Um dos aspectos mais interessantes do mito de Orfeu, sem dúvida, consiste na prova que se impõe ao herói, ou seja, por que Orfeu não pode olhar para trás? Além disso, exatamente por que, uma vez que ele obtivera o impossível, ele teria colocado tudo a perder tão facilmente?

Muitas têm sido as interpretações para essa interdição. Do ponto de vista psicanalítico, poder-se-ia dizer que, se Orfeu voltou-se para trás, quebrando a única condição que lhe fora imposta pelos deuses e perdendo Eurídice, foi porque, inconscientemente, no fundo, ele quis perdê-la, ou seja, o amor de Orfeu por Eurídice não foi maior do que sua atração pelo desconhecido, pelo misterioso, pelo proibido. Orfeu desejou a transgressão do *métron*, da medida imposta aos homens pelos deuses.

Do ponto de vista mitológico, poder-se-ia dizer que Orfeu foi castigado pelos deuses por seu egoísmo: porque não soube morrer de amor para encontrar-se com sua amada. Em muitos outros mitos, o auto-sacrifício é bem visto pelos deuses: Alceste, a mulher de Hércules, por exemplo, deu a própria vida para salvar o amado e, de fato, quando Hércules desceu ao mundo dos mortos ele conseguiu trazê-la de volta à vida.

Talvez, contudo, o ponto de vista religioso sobre essa questão seja o mais interessante: ter olhado para trás, no contexto das culturas antigas, significa ter voltado ao passado, ter se apegado à matéria simbolizada por Eurídice. Um órfico autêntico, como se verá adiante, jamais retorna. Ele se desapega do viscoso do mundo concreto, das realidades sensíveis e parte para não mais regressar.

² ...salva animam tuam, noli respicere post tergum – “...salva tua alma, não olhes para trás.”

Além disso, olhar para trás significa, ainda, romper com o tabu das direções, que, como os lados e os pontos cardeais, possuíam, nas culturas antigas, um simbolismo muito rico. As antigas religiões matriarcais sempre deram nítida preferência pela esquerda, entre outros motivos porque é a noite, o oeste, que dá nascimento ao dia, parindo-o diariamente. Eis porque a cronologia entre os antigos era regulada pela noite, pela Lua, daí o hábito da escolha da noite para se travar batalhas, fazer reuniões, realizar julgamentos e cultos, como os Mistérios de Elêusis.

Quando a religião olímpica, patriarcal, tornou-se oficial na Grécia antiga, o culto a um deus solar, Apolo, modificou essa situação. Donde o início das prescrições contra a esquerda. A palavra direita, em Latim – *dextera* ou *dextra* –, inclusive, ao menos por etimologia popular, liga-se a *deceat*, que significa “o que é conveniente”, enquanto esquerda é *sinistra*, “de mau presságio”. A palavra “ocidente” vem de *occidens*, “o que morre”, enquanto “oriente”, o leste, está associado a *oriens*, “o que nasce”.

Foi assim que se formou, nas culturas antigas, a crença de que olhar para frente é desvendar o futuro e possibilitar a revelação; para a direita é descobrir o bem e o progresso; para a esquerda é ir ao encontro do mal, do caos, das trevas, e, para trás, é o regresso ao passado, às nossas *hamartíai*, nossas faltas e erros, é a renúncia ao espírito e à verdade.

Em *Gênesis* 19, 17-26, uma das recomendações que os dois anjos enviados para destruir Sodoma e Gomorra fazem a Lot é que, abandonando Sodoma com a família, não olhasse para trás². Contudo, a mulher de Lot olhou para trás e foi transformada numa estátua de sal. Ela foi condenada por seu apego a uma cidade fadada à ruína, ou seja, olhando para trás ela voltou ao passado e sofreu com isso as conseqüências de sua desobediência a Javé.

As antigas religiões gregas – o culto a Apolo e a Deméter

O vínculo entre mito e religiosidade talvez seja, de fato, a porta de entrada pela qual o mito também se relaciona com a história. Se Orfeu é uma figura mítica, o orfismo, por outro lado possui caráter absolutamente histórico. Todavia, compreender o que significou uma religião complexa

como o orfismo na Grécia antiga, a partir do VI-V século a. C., e que divide, ainda hoje, tantos estudiosos acerca do que teria sido sua importância na história das religiões, significa entender as diferenças básicas entre a religião estatal da *pólis* grega, voltada para o culto de Apolo, e as religiões populares, como os Mistérios de Elêusis e o dionisismo.

Cada *pólis* grega possuía uma unidade político-militar, mas uma unidade político-militar que girava em torno de um altar. O mundo grego possuía, pois, apesar de todas as diferenças, dois pólos unificadores: a língua e a religião.

Contudo, ao lado da religião oficial, estatal, que cultuava o deus solar Apolo, com centro em Delfos, havia também a religião de Deméter ou Ceres, em Elêusis, perto de Atenas. Ambas tinham caráter nacional, mas a religião de Apolo dominava por ter apoio oficial, enquanto a religião de Elêusis tinha cunho mais popular e estava voltada para o culto de mistérios, vale dizer: a religião de Apolo era aberta, a de Deméter, fechada.

Deméter é a divindade da terra cultivada e, particularmente, a deusa do trigo, que simboliza a essência da subsistência humana. O mito de Deméter está associado ao de sua filha Perséfone. Conta o mito que Perséfone havia sido raptada por Plutão, senhor do Hades, deus dos infernos. À procura da filha, Deméter começa sua peregrinação pelo mundo. Ao descobrir o culpado, exige de Zeus, o deus máximo olímpico, que restitua sua filha. Zeus, então, realiza uma espécie de conciliação entre os deuses em litígio: Perséfone passaria a primavera com a mãe, mas o inverno com o marido.

É desse modo que as diferentes fases de vida de Perséfone se relacionam ao ciclo das colheitas. Enquanto está com Deméter, Perséfone passa a se chamar Core e simboliza a eclosão das sementes, o tempo das colheitas. Enquanto se encontra no Hades, Perséfone simboliza a gestação das sementes no solo, a preparação, a semeadura.

Em sua peregrinação à procura da filha, Deméter teria, ainda, fundado um santuário em Elêusis, centro de uma religião de mistérios. O que significa isso? Significa que lá havia uma doutrina secreta, esotérica, só comunicada aos neófitos e proibida de se revelar aos não iniciados. Assim, no que consistiam exatamente essas revelações nada se sabe até hoje. Os antigos souberam guardar esses segredos.

Por outro lado, a religião de Apolo se impunha como a mais poderosa religião grega, mas se constituía numa religião exterior, puramente formal e sem uma doutrina.

Apolo era filho de Zeus e Leto e se identificava com o Sol. Era o deus da beleza, da adivinhação e, principalmente, da serenidade e do equilíbrio. Trazia a lira que apaziguava os corações e empunhava o arco e a flecha com que punia os transgressores. O oráculo de Apolo respondia a perguntas, vaticinava, aconselhava, purificava os criminosos e recebia um pagamento – oferendas – pelo exercício dessas funções. Na fachada do templo, liam-se as máximas: *gnôthi sautón* (conhece-te a ti mesmo) e *mèden ágan* (nada em excesso).

Os gregos viviam em paz com sua religião, sobretudo sob o domínio de Apolo, até que invade a Grécia a religião de Baco ou Dioniso, que entra radicalmente em choque com a religião estatal baseada no deus-sol.

A chegada do dionisismo: a comunhão com a divindade

Segundo o mito, houve dois Dionisos. O primeiro Dioniso era filho de Zeus e Perséfone e se chamava Zagreu. Zagreu era o preferido de Zeus que, justamente por isso, reservava para esse filho a sucessão do trono. Isso despertou o ciúme e a ira de Hera, esposa de Zeus. Ela, então, serve-se dos Titãs – divindades que governaram o mundo antes dos deuses olímpicos – para perseguir o deus recém-nascido. Zeus, para defender a criança, confia o pequeno Zagreu a Apolo, que o esconde no monte Parnaso. Os Titãs continuam a sua procura e o pequeno deus tem de se disfarçar. Entretanto, apesar das inúmeras metamorfoses de Zagreu, os Titãs o surpreendem na forma de um touro, o despedaçam e o devoram. Zeus, irritado, fulmina os Titãs, transformando-os em cinzas. E dessas cinzas, nasceram os homens.

Enquanto Apolo enterra os restos de Zagreu em seu santuário em Delfos, a deusa Palas-Atená, que havia conseguido salvar o coração ainda palpitante de Zagreu, entrega-o a Zeus. Foi esse coração que Sêmele, uma mortal tebana, teria engolido. Segundo variantes do mito, é o próprio Zeus que engole o coração antes de fecundar Sêmele e deixá-la grávida do

segundo Dioniso. Uma vez mais, entretanto, Hera intervém. Aparece a Sêmele disfarçada e a convence de que deve pedir a Zeus, como prova de amor, que o deus lhe apareça em toda sua glória, revelando-lhe o que realmente é. Como havia jurado atender-lhe todos os desejos, Zeus, então, apareceu à mortal em forma epifânica, com seus raios e trovões, incendiando o palácio de Tebas e fulminando a princesa. Zeus, contudo, salva a criança do ventre da mortal e a costura em sua própria coxa, de onde, finalmente, nasce o segundo Dioniso. Velando pela criança, uma vez mais, Zeus entrega o filho aos cuidados das ninfas e dos sátiros no monte Nisa.

Teria sido lá que Dioniso, certo dia, teria descoberto as uvas e espremido seu líquido em um cálice. Bebendo-o repetidas vezes com sua corte, todos começaram a dançar vertiginosamente e, embriagados, caíram desfalecidos. Segundo o mito, tinha acabado de nascer o vinho.

Historicamente, por ocasião da vindima, celebrava-se, a cada ano, em Atenas, a festa do vinho novo, quando os participantes, como outrora os companheiros de Baco, começavam a beber, cantar e dançar, caindo desfalecidos.

As bacantes ou mênades eram sacerdotisas de Baco. Nas Bacanais, festas dedicadas ao deus, elas se deixavam tomar pela divindade em delírio místico, percorrendo os campos aos gritos e alaridos rituais, movidas pela violência da possessão. Nesses ritos, um touro era destinado ao sacrifício. Esse sacrifício se realizava por *diasparagmós* e *omofagia*. Ou seja, o animal era desmembrado violentamente, e sua carne crua e seu sangue ainda quente eram consumidos durante o ritual, o que, lembrando a morte do primeiro Zagreu, representava simbolicamente a integração total e a comunhão com o deus.

Eis porque a religião dionisíaca chocava-se radicalmente com o culto apolíneo. Enquanto Apolo estava sempre atento a esmagar qualquer desmedida dos mortais que aspirassem à imortalidade, Dioniso conclamava os homens a se sentirem como deuses. Quando caíam desfalecidos, os devotos de Dioniso acreditavam sair de si mesmos, ou seja, estar em *ékstasis*. Esse sair de si, numa superação da condição humana, implicava um mergulho do deus no seu adorador, pelo processo do *enthusiasmós*. A palavra entusiasmo, portanto, etimologicamente, significa “ter um deus

dentro de si”.

Daqueles que entravam em êxtase e entusiasmo se apossavam a *manía* (a loucura sagrada, a possessão divina) e as *órguia* (a posse do divino na celebração dos mistérios, agitação incontrollável). Desse modo, o *ánthropos*, o homem comum, em êxtase e entusiasmo, ultrapassava a sua medida mortal, o *métron*, e se tornava um *anér*, isto é, um herói. Essa ultrapassagem é uma *hýbris*, ou seja, uma violência cometida contra si e contra os deuses imortais, o que levava a *némesis*, ao ciúme divino dos deuses liderados por Apolo, que exige a purificação do herói, sua *kátharsis*, a purgação de suas faltas – *hamartíai*.

Orfismo – uma nova religião de mistérios

Com a chegada do novo culto, apolíneos e dionisíacos estavam em constante estado de desentendimento. É nesse ponto que entra em cena uma nova religião: o orfismo. Segundo o mito, Orfeu também era devoto de Apolo, de quem talvez seria filho, e, a despeito disso, converte-se à religião de Dioniso, religião de mistérios, de iniciação, de doutrina secreta. Ele acaba, porém, reformulando a religião dionisíaca, de acordo com o espírito de Apolo. Harmonizando o apolíneo e o dionisíaco. Dessa forma, Apolo modera Dioniso, e, assim, Dioniso se heleniza e civiliza.

Dioniso é, pois, transfigurado, a figura central do orfismo, que penetra no santuário de Delfos e também no de Elêusis. O mito espelha tudo isso. Apolo e Dioniso são irmãos, ambos filhos de Zeus. Apolo é o responsável pelo resgate dos restos mortais do primeiro Dioniso no santuário de Delfos. Além disso, Baco e Deméter são divindades agrárias e a fonte de religiões de mistérios. Deméter é a deusa das sementes secas, como o trigo, enquanto Baco, como diz Santo Agostinho em *A cidade de Deus*, é o deus da semente líquida, incluindo-se aí o sêmen animal. Assim, em Elêusis, institucionaliza-se o culto mediante o pão, consagrado a Deméter, e o vinho, dedicado a Dioniso.

Retomando o culto a Dioniso, o orfismo rejeitava, contudo o *diasparagmós* e a *omofagia*. Os órficos eram vegetarianos. Aceitando o êxtase e o entusiasmo dionisíacos, eles, porém, acreditavam que tais expe-

riências eram individuais e não coletivas como nos cultos báquicos. Aceitando a necessidade de *kátharsis*, de purificação apolínea, os órficos redefiniram, assim, a noção de purificação, não como uma forma de punição à ultrapassagem do *métron*, da medida, mas como um meio de libertar-se do ciclo das existências.

Eis em que o orfismo se diferenciou tão radicalmente da religião apolínea e dionisíaca que nada prometiam ao homem no *post mortem*. O Hades era o local para onde se dirigiam os mortos e nada mais. Não existem, na religião dionisíaca ou na apolínea, referências precisas à esperança escatológica, enquanto a essência do orfismo é, essencialmente, a soteriologia. Foi desse modo que o orfismo introduziu na Grécia novas cosmogonia e teogonia, uma diferente antropogonia e uma novíssima escatologia.

Não falaremos aqui sobre a teogonia e a cosmogonia órficas, ou seja, sobre o que teria sido a origem do mundo e dos deuses no orfismo, visto que há dois aspectos bem mais importantes a considerar, e que dizem respeito àquilo que o orfismo inaugurou em termos de explicação para o origem do homem e para o que lhe estaria reservado após a morte, no contexto na Grécia antiga, em sua antropogonia e sua escatologia.

Antropogonia e escatologia órficas

A antropogonia órfica tem como conseqüência o crime dos Titãs contra Zagreu, o primeiro Dioniso. Os homens nasceram da cinza dos Titãs fulminados por Zeus, o que explicaria, para os órficos, que o ser humano partilha simultaneamente da natureza titânica, ou seja do mal, e da natureza divina, o bem, já que as cinzas dos Titãs continham o corpo de Dioniso por eles devorado.

Em *Leis*, Platão se refere à antropogonia órfica quando afirma que todos aqueles que não querem reconhecer a autoridade constituída, nem obedecer aos pais ou aos deuses, patenteiam sua natureza titânica, herança do mal. Entretanto, cada ser humano, segundo ele, carrega também dentro de si uma faísca de eternidade, uma fagulha divina, uma alma imortal, sinônimo do bem.

No *Crátilo*, Platão nos fala ainda que o corpo é uma sepultura da alma durante a vida e acrescenta que os órficos chamam assim o corpo, porque a alma está encerrada dentro dele como num cárcere, até que pague as penas pelas culpas por ela cometidas. A *psiqué* é a parte divina do homem (*sêma*); o corpo, sua prisão (*sôma*). Apagava-se, portanto, a concepção de que o corpo representava o homem mesmo e que a alma era apenas o que do homem restava após a morte – uma sombra pálida e abúlica, um corpo insubstancial, um *éidolon*, como a conheciam os gregos.

Para os órficos, a existência no mundo assemelha-se antes à morte, do mesmo modo que a morte pode se constituir no começo de uma nova vida, que é a libertação final da alma do cárcere do corpo. Contudo, a morte do corpo não representa uma libertação automática. Após cada existência, a alma é julgada e, consoante suas faltas e méritos, depois de uma permanência no além, retorna ao cárcere de um novo corpo humano, animal ou, até mesmo, mergulhando em um vegetal, o que caracteriza a crença na metempsicose.

Contudo, sendo o orfismo essencialmente uma doutrina soteriológica, ela oferece a seus seguidores meios que eles julgavam eficazes para que essa libertação da alma do ciclo das reencarnações pudesse ser feita o mais rapidamente possível. Assim, além da parte iniciática, mística e ritualística que nos escapa, guardada nos mistérios de seus livros sagrados, o orfismo obrigava seus adeptos a práticas rigorosas. Os órficos se abstinham de comer carne e ovos (considerados como princípios de vida), praticavam a ascese (por devoção, meditação e mortificação) e praticavam a catarse (por meio de cantos, hinos e litânias).

Por fim, o orfismo inaugurou uma nova escatologia na Grécia antiga, reestruturando inclusive a topografia do Hades, do mundo dos mortos, partindo da catábata, da descida de Orfeu aos Infernos.

A visão do Hades variou muito ao longo dos tempos no quadro das religiões gregas. Ele começa como um imenso abismo, onde, após a morte, todas as almas eram lançadas sem prêmio nem castigo. Mais tarde, já passa a existir uma nítida mudança escatológica, no que se refere ao destino de algumas almas privilegiadas. Contudo, tudo muda com o orfismo.

Os órficos dividiam o Hades em três regiões distintas: a parte mais profunda e trevosa, que era o Tártaro; a medial, o Érebo, e a mais alta e nobre, os Campos Elísios. Os dois primeiros eram destinados aos tormentos que se dirigiam às almas que, lá embaixo, purgavam suas penas, havendo uma clara gradação entre os suplícios aplicados em cada uma dessas regiões: os do Tártaro eram muito mais violentos e cruéis que os do Érebo. Os Campos Elísios eram destinados aqueles que, tendo passado pelos suplícios dos dois primeiros, aguardavam o retorno. Isso significa que a estada no Hades era impermanente para todos.

O homem comum percorria o ciclo reencarnatório dez vezes e o intervalo entre um e outro renascimento era de mil anos, cifras que não expressam muito em termos de quantidade, mas sim de qualidade. Depois de purgar todas as suas faltas, as almas se dirigiam para a Ilha dos Bem-Aventurados, que, a princípio, os órficos julgavam se localizar no extremo Ocidente, e que, mais tarde, passou a ser identificada com o céu, a Lua, o Sol ou as estrelas, visto que, ao menos desde o V. séc. a. C., os gregos acreditavam que a substância da alma era aparentada com a do Éter ou com a substância das estrelas.

Orfismo e cristianismo

O problema da relação entre orfismo e cristianismo é bastante fascinante. Vários historiadores apontaram entre ambos os movimentos várias analogias. Qual seria o significado, por exemplo, da representação de Orfeu nas catacumbas cristãs? Se, por um lado, o cristianismo repudia o panteísmo, a metempsicose e a ensomatose, em compensação, aceita a existência do além, o pecado original, o dualismo entre corpo e alma e a visão deste mundo como um vale de lágrimas. Em ambas as religiões se faz presente o mesmo ideal de salvação e de purificação servidas de uma estrutura eclesiástica.

O olhar para trás de Junito Brandão

Nos vários anos de sua vida acadêmica, o prof. Junito de Souza Brandão, soube vencer o interdito das direções e se dedicou, prazerosamente, a nos ensinar a olhar para trás. Seus estudos sobre o mito de Orfeu e o orfismo, bem como suas contribuições aos estudos de literatura clássica, e mitologia grega e romana possibilitaram o acesso para muitos de nossos estudantes às melhores fontes bibliográficas na área de pesquisa sobre a Antigüidade.

A ele todo o nosso respeito, toda a nossa admiração, todo carinho e toda a saudade...

Bibliografia:

BOULANGER, A. *Orphée: rapports de l'orphisme et du christianisme*. Paris: Rieder, 1925.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 3 v. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Vozes, 1984.

DIEL, P. *Le symbolisme dans la mythologie grecque*. Paris: Payot, 1952.

ELIADE, M. *História das crenças e das idéias religiosas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

OVIDIO. *Metamorphoses*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930